

Misericórdia de Braga

Revista
da Santa Casa da Misericórdia
de Braga



Misericórdia
de Braga

500 ANOS

n.º 11

Dezembro 2015

Título : Misericórdia de Braga
Revista da Santa Casa da Misericórdia de Braga

Director : ARMANDO MALHEIRO DA SILVA

Conselho de Redacção : BERNARDO REIS · DOMINGOS DA SILVA ARAÚJO · ENGRÁCIA LEANDRO
FERNANDO COLMENERO FERREIRA · IRENE MONTENEGRO
JOSÉ ALBERTO DE SOUSA RIBEIRO · MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO

Edição : Santa Casa da Misericórdia de Braga

Propriedade : Santa Casa da Misericórdia de Braga
Edifício Nevarte Gulbenkian
Tel. 253 205 100 - Fax 253 205 101
geral@scmbraga.pt
4700-352 Braga

ISSN : 1646-3188

Depósito Legal : 233621/05

Data de saída : Dezembro de 2015

Tiragem : 500 exemplares

Capa : Paleta de Ideias design

Na capa : Palácio do Raio.
Escadaria de acesso ao Piso 2,
encimada pela representação do “Turco”
(Foto: © Luís Ferreira Alves)

Fotografia da contra-capas : Hugo Delgado – WAPA Photo

Execução gráfica : Graficamares, Lda.
R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10
4720-608 Prozelos - Amares

Todos os direitos reservados.

O conteúdo dos artigos e a norma ortográfica usada são da responsabilidade dos autores.

SUMÁRIO

7 Editorial

ARMANDO MALHEIRO DA SILVA

Artigos

- 15 Novos contributos sobre a Misericórdia de Braga
e a vivência da morte na urbe bracarense setecentista
*Further contributions on the Misericórdia de Braga
and the experience of death in eighteenth-century metropolis Braga*
NORBERTO TIAGO GONÇALVES FERRAZ
- 31 A Capela S. Bentinho do Hospital (Braga): origem e fundação
S. Bentinho do Hospital (Braga): origin and foundation
ANTÓNIO JOSÉ FERREIRA AFONSO
- 85 O Culto e a Igreja de S. João Marcos em Braga
The Cult and the Church of St. João Marcos in Braga
EDUARDO DUARTE
- 113 A assistência à alma na Irmandade de Nossa Senhora do Carmo de Braga
Assistance to the soul in the brotherhood of Nossa Senhora do Carmo in Braga
SARA MANUELA CORREIA RODRIGUES DA SILVA
- 139 Ordenamento moral e religioso à luz das Pastorais dos Bispos.
Dioceses de Miranda do Douro e Bragança
*Moral and religious order in the light of the Pastoral of the Bishops.
Dioceses of Miranda do Douro and Bragança*
ADÍLIA FERNANDES
- 149 Pobreza em Braga do terceiro quartel do século XIX:
uma aproximação através dos jornais da época
*Poverty in Braga in third quarter of the 19th century:
an approach through the newspapers of the time*
ALBERTO N. OLIVEIRA

- 177 Os irmãos Gomes Barroso,
dois barcelenses provedores da Misericórdia do Rio de Janeiro
*Gomes Barroso Brothers from Barcelos,
two Ombudsmen of Misericórdia of Rio de Janeiro*
ANTÓNIO JÚLIO LIMPO TRIGUEIROS, SJ
- 207 André Soares e a Congregação Beneditina
André Soares and the Benedictine Congregation
EDUARDO PIRES DE OLIVEIRA
- 229 A Paixão de Cristo no imaginário bracarense
The Passion of Christ in the Braga devotional ideas
RUI FERREIRA
- 271 Dinâmicas da arquitetura barroca de Braga nos séculos XVII e XVIII:
obras, artistas e encomendantes
*The dynamics of baroque architecture in Braga in the 17th and 18th centuries:
works, artists and commissioners*
MANUEL JOAQUIM MOREIRA DA ROCHA
- 285 Turismo Religioso e Património Cultural:
Que desafios e oportunidades?
*Religious Tourism and Cultural Heritage:
What challenges and opportunities?*
ANA M. SANTOS
- 293 Gerir a vida e estar em forma.
Termalismo como recurso de saúde e bem-estar
*Manage life and be fit.
Termalism as a health resort and wellness*
MARIA ENGRÁCIA LEANDRO | ANA SOFIA DA SILVA LEANDRO
- 331 Smile-kids: uma experiência de educação
e formação de educadores de infância em creches
*Smile-kids: an experience of teachers' education
and training in nursery schools*
RAFAELA ROSÁRIO | GORETI MENDES | ANALISA CANDEIAS | FÁTIMA MARTINS
CRISTINA MARTINS

Misericórdia(s) hoje

- 345 Apresentação da Revista *Misericórdia de Braga* n.º 10 (2014)
JOSÉ ALBERTO BRAGA DE SOUSA RIBEIRO
- 367 Tomada de posse dos Órgãos Sociais. Quadriénio 2015-2018
MANUELA MACHADO
- 371 Cerimónia de atribuição do título de Irmão Honorário
da Santa Casa da Misericórdia do Porto a Bernardo José Ferreira Reis,
Provedor da Misericórdia de Braga
JOSÉ ALBERTO BRAGA DE SOUSA RIBEIRO
- 381 II Festival de Órgão de Braga
JOSÉ ALBERTO BRAGA DE SOUSA RIBEIRO
- 399 Todos Somos Poucos!
Contrato Local de Desenvolvimento Social +
EQUIPA CLDSMAISBRAGA n.º 6
Textos de ANTÓNIO PEDRO PEREIRA DE LIMA (coordenador) | ALEXANDRA SANTOS LIMA | JOANA MARIA
BARRÓS BARBOSA | MARIA AVELINA VIEIRA | JOANA XARÁ CANEDO MARCO FREITAS
MARIA PINHEIRO | ANDREIA SILVA | ADRIANA GUIMARÃES
- 445 Não deixes para amanhã...
Workshop Trabalho e Intervenção em Rede: Novas Perspetivas/Novos Desafios
EQUIPA DO CLDSMAISBRAGA n.º 6
- 457 **Ao ritmo dos dias**
SILVA ARAÚJO

Dinâmicas da arquitetura barroca de Braga nos séculos XVII e XVIII: obras, artistas e encomendantes

*The dynamics of baroque architecture in Braga
in the 17th and 18th centuries: works, artists and commissioners*

MANUEL JOAQUIM MOREIRA DA ROCHA*

Sumário

Este trabalho sobre a arquitetura barroca de Braga apresenta uma síntese dos estudos científicos desenvolvidos no campo da História da Arquitetura Portuguesa dos séculos XVII e XVIII. A referência geocultural do objeto esclarece e justifica a especificidade da arquitetura bracarense no contexto do barroco português.

Palavras-chave: Arcebispos, Arquitetura, Artistas, Barroco, Braga

* CITCEM/FLUP-Universidade do Porto.
manuel.rocha.pt@gmail.com

Fui em junho deste ano (2015) convidado para escrever um texto sobre a *arquitetura barroca bracarense* que enquadrasse o Palácio do Raio e André Soares. O trabalho destinava-se a publicação numa obra coletiva que a Santa Casa da Misericórdia estava a preparar, e bem, como marco da adaptação da Casa do Raio, a novas valências culturais. Para os objetivos editoriais pré-definidos, o texto que apresentei era demasiado extenso.

Agradeço ao Dr. Bernardo Reis, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Braga, o amável convite para publicar o texto integral no volume 11 da revista editada pela Santa Casa da Misericórdia.

Abstract

This paper on Baroque architecture in Braga presents a summary of scientific studies developed in the field of the History of Portuguese Architecture in the 17th and 18th centuries.

The geo-cultural referencing of the object clarifies and justifies the specificity of Braga's architecture in the context of the Portuguese Baroque.

Keywords: Archbishops, Architecture, Artists, Baroque, Braga

Introdução

Dentre os muitos artistas que laboraram em Braga no século XVIII e que contribuíram para a definição e afirmação da arte barroca e do rococó na cidade e na arquidiocese de Braga, salientam-se, pela modernidade e pela qualidade que imprimiram nas obras que realizaram, e que integram hoje o melhor do património artístico bracarense, Frei Cipriano da Cruz, Marceliano de Araújo, Miguel Coelho, Ambrósio Coelho, João Costa, Diogo Soares, Jacinto Vieira, entre outros.

No campo da arquitetura de finais do século XVII e do século XVIII destacam-se os seguintes arquitetos: Miguel de Lescole, João Antunes, Manuel Fernandes da Silva, Manuel Pinto de Vilalobos, André Soares e Carlos Amarante.

Não se compreende a dinâmica artística e cultural da cidade de Braga, até ao final do século XVIII, sem se atender ao perfil sociocultural dos arcebispos que estiveram à frente da Arquidiocese de Braga.

O título de Arcebispo Primaz colocava o prelado de Braga no topo da hierarquia religiosa, sendo a cadeira episcopal ocupada pelos membros mais destacados da elite religiosa do país. Regra geral, a nomeação para arcebispo de Braga, coroava uma longa carreira intelectual, diplomática ou política, na estreita observância das orientações do poder central do país. Saliento, como exemplo, o arcebispo D. Luís de Sousa (1677-1690), que foi embaixador em Roma, ou então os dois últimos arcebispos que falaremos neste trabalho – D. José de Bragança (1741-1756) e D. Gaspar de Bragança (1758-1789), que gozavam do título de príncipes Reais. Note-se que D. José de Bragança era filho bastardo de D. Pedro e irmão de D. João V, ambos reis de Portugal; e o arcebispo D. Gaspar de Bragança era filho bastardo de D. João V e sobrinho de D. José de Bragança, a quem sucedeu na cadeira arcebispal.

Os arcebispos foram membros da alta nobreza portuguesa, não admira pois que, no tempo do barroco português, se rodeassem do fausto cortesão. Sabe-se que Braga foi a sede da Corte Religiosa do país.

Desde a Idade Média até final do século XVIII, a cidade de Braga foi Senhorio dos Arcebispos, gozando estes de um poder quase absoluto sobre o território que administravam.

Assim, a principal clientela da encomenda artística da cidade são os arcebispos, membros da cúria, e, naturalmente, os ilustres e prestigiados cónegos do Cabido. Eram estes homens que asseguravam o governo da cidade, e estavam no topo da hierarquia social bracarense.

Na abertura do texto manuscrito de finais do século XVII, denominado *Grandezas do Arcebispado de Braga* o autor esclarece o alcance do poder do arcebispo de Braga:

Os Arcebispos de Braga alem da preeminência do titulo de Primazes com que excedem os Prelados de Hespanha, são Senhores temporaes da cidade de Braga e seu termo com jurisdição tam ampla, que no Cível não ha appellação nem agravo para as Relações Reaes e acabão todas na sua Relação.¹

Singularidade da Arquitetura bracarense no Portugal Barroco

Na arquitetura produzida na cidade de Braga entre finais do século XVII e os anos trinta da centúria seguinte, denota-se a persistência de fórmulas que parecem primar pelo engajamento ao denominado estilo maneirista. No mesmo tempo, em Lisboa, a arquitetura começava a estar alinhada pelas formas desenvolvidas pelo Barroco romano.

Pela mesma altura, na cidade do Porto, a arquitetura ia-se aproximando do percurso seguido pela capital. Na cidade e na arquidiocese de Braga, a arquitetura, religiosa e civil, desenvolve-se em formas construídas mais singelas, valorizando a tónica plástica apenas nas fachadas dos edifícios. É neste movimento que se deteta a adoção do barroco na arquitetura de Braga, que o identifica com um cunho regional, no contexto do barroco português.

¹ BIBLIOTECA DA AJUDA – *Grandezas do Arcebispado de Braga*, ms., fls. 1-2.

É na igreja de S. Victor, que se constata a origem deste gosto, embora com a tônica maneirista. A construção da igreja iniciou-se no ano de 1686, seguindo um projeto do engenheiro militar Miguel de Lescole, e será continuada a partir de 1691, pelo mestre pedreiro portuense Pascoal Fernandes, entre outros.

A igreja evidencia ainda uma práxis com claras colagens ao maneirismo, com acento decorativo apenas na fachada. Miguel de Lescole concebe a fachada como cenário urbano voltado para o Campo de Santa Ana, onde se destaca o uso solto de elementos formais das ordens Dórica e Jónica, bem distante do uso canónico previsto nos tratados de arquitetura que circulavam ao tempo em Portugal. Duas pilastras salientes enquadram a fachada, sobre as quais corre um friso dórico, e sobre este assenta um amplo frontão triangular a toda a largura da mesma. Ladeando o portal de acesso ao templo, pilastras com capitéis jónicos, e por cima outro frontão, ladeado por um nicho de cada lado, e abaixo cartelas de folhagem crespada, a mesma que envolve o óculo.

Embora as linhas da fachada sejam estáticas, a combinação dos elementos arquitetónicos e plásticos começam a destacar o eixo axial, que une o portal, o óculo e as armas do Arcebispo D. Luís de Sousa, no centro do tímpano que remata a fachada. Nota-se ainda outra característica da arquitetura de Braga, que será explorada de forma mais evoluída em fachadas posteriores. Referimo-nos concretamente ao uso de uma linguagem decorativa com muito volume, que se poderá observar na fachada da igreja dos Terceiros de S. Francisco, executada pelo mestre pedreiro e arquiteto Manuel Fernandes da Silva, no ano de 1707²; ou então na fachada da igreja de S. Vicente, riscada em 1717 pelo Frei Luís de S. José, monge cisterciense, reputado arquiteto e pintor, na qual, ao lado de certo academismo arquitetónico e estrutural, se observa uma linguagem que ultrapassa a folhagem grossa maneirista, bem como a introdução de grinaldas de flores, acusando uma ténue influência do Tratado de Andrea Pozzo.

A passagem rápida de D. João de Sousa como arcebispo de Braga (1697-1703), ainda lhe deu tempo para convidar o principal arquiteto do Reino, João Antunes, para riscar a nova sacristia da Sé e a casa do Tesouro e Cartório da

Mitra. Porém a sua nomeação para a Sé de Lisboa, fez abortar essa linha de aproximação estética da arquitetura de Braga com a de Lisboa.

Nas obras encomendadas pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728), reencontra-se a persistência de gosto por uma arquitetura plana e depurada, que se contrapõe ao espaço interior, onde a articulação entre os elaborados programas de azulejaria figurativa das melhores oficinas de Lisboa, com a retabulística e a pintura, aproxima, pela sumptuosidade, os interiores destes edifícios com a vanguarda dominante na arte religiosa portuguesa. No extenso programa arquitetónico que Moura Teles promoveu, na cidade e na arquidiocese, recorreu, quase sempre, ao mestre pedreiro e arquiteto Manuel Fernandes da Silva. Os quatro conventos femininos de Braga – Nossa Senhora dos Remédios, Salvador, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Penha de França, foram todos intervencionados por vontade do arcebispo. Em dois, as igrejas conventuais foram criadas de raiz – Penha de França (1719-1722) e Nossa Senhora da Conceição (1728-1729), e as outras duas evidenciam-se sobretudo nas artes de interior e nas fachadas.³

Em todos estes edifícios prevalece um gosto coerente que esclarece o perfil artístico do Arcebispo. Na arquitetura salienta-se um enfeudamento claro à persistência de formas maneiristas, enquanto no espaço sacro propriamente dito – o interior – denota-se o jogo composto pelo melhor do barroco português – azulejo, talha e pintura – sendo as obras de talha produzidas por artistas bracarenses, ou da sua área de influência, salientando-se a grande qualidade estética dos mesmos. Servem de exemplo, Frei Cipriano da Cruz, Agostinho Marques, Luís Vieira da Cruz, Bento de Alvarenga, Marceliano de Araújo, e naturalmente o entalhador e escultor barcelense, Miguel Coelho, que tantas obras deixou nas igrejas do Minho.

Mas a ênfase que Moura Teles coloca nas artes que compõem o espaço sacro, utilizou-a no principal edifício religioso da arquidiocese, na Sé Catedral, transformando-a num luxuriante ambiente barroco, de grande equilíbrio estético.⁴ Numa primeira fase renova todo o interior da Sé, e só por último constrói a fachada, no ano de 1723, trabalho riscado pelo arquiteto Manuel Fernandes

³ Rocha, 2009.

⁴ Rocha, 1994.

da Silva.⁵ Uma fachada, onde a nota dominante é a simplicidade e austeridade, e o maior interesse recai no coroamento das torres que a ladeiam.

Todos os motivos plásticos da fachada, frontões curvos, triangulares e interrompidos, testemunham a assimilação de formas exploradas no tratado de Sebastiano Serlio, muito em moda em Portugal. A lição da fachada da Sé de Braga, ainda se mantém modelar vinte anos depois, concretamente na fachada da igreja matriz da Povoia de Varzim, uma das últimas realizações do grande mestre Manuel Fernandes da Silva, ideada à volta do ano de 1742.⁶

A evolução da arquitetura bracarense durante o primeiro terço do século XVIII apresenta-se contínua e caracteriza uma das fases mais regionalistas do barroco bracarense, marcando uma evolução a partir da *sui generis* arquitetura maneirista portuguesa, denominada, na feliz expressão de George Kubler,⁷ de Arquitetura Chã. Caracteriza-se tanto na arquitetura religiosa como civil, por uma austeridade e singeleza formal, mascarada, pontualmente, por decoração a croché, cujo espécime primogénito se encontra na igreja de S. Victor, de que falámos atrás.

Na arte nacional, durante o longo reinado de D. João V (1707-1750) e partindo da esfera da corte política desenvolve-se o chamado Barroco Joanino. O cunho principal desta fase do Barroco é a adoção na arte portuguesa de formas do Barroco Internacional, particularmente, do Barroco Romano. São muitos os artistas portugueses que fazem formação em Roma, principalmente no campo da pintura.

O principal arquiteto, ao serviço de D. João V, foi Frederico Ludovice cuja formação se insere no denominado Alto Barroco, ou barroco tardio, que se desenvolve na Europa de finais do século XVII até meados da centúria seguinte. Sintomático do papel desempenhado por Frederico Ludovice na arte joanina, é a atribuição do título de Arquiteto-mor do Reino. O diploma régio de atribuição desse título esclarece, perentoriamente, que o cargo se extinguiria com a morte do arquiteto, que teve lugar em Lisboa no ano de 1752. Durante o reinado de D. João V houve um clima favorável para a aceitação de artistas

⁵ Rocha, 1996.

⁶ Rocha, 1996.

⁷ Kubler, 2005.

estrangeiros em Portugal, situação que já se vinha desenvolvendo desde finais do século XVII, ainda durante o reinado de D. Pedro.

A cidade do Porto era sem dúvida, a urbe mais dinâmica social e economicamente, do Norte de Portugal. Na arte produzida, que ainda subsiste, polarizada pelo Porto durante o primeiro terço do século XVIII, não são estranhos os nomes dos italianos João Baptista Pachini e Nicolau Nasoni; do arquiteto maltês Carlos Gimac; de Cláudio Lapradre, natural de França; Manuel Benedito Gómez Herrera, natural de Valladolid; ou do veneziano José Salutim.

O gosto na arquitetura da cidade de Braga sofre uma alteração nos anos trinta do século XVIII. As propostas do Mestre Pedreiro e Arquiteto Manuel Fernandes da Silva, que teve um papel determinante na arquitetura de Braga, como já explicámos, juntamente com as propostas arquitetónicas veiculadas por engenheiros militares, concretamente, Manuel Pinto de Vilalobos, já não satisfazem a procura. Quando entre 1732-1735 a poderosa Irmandade da Santa Cruz pretende fazer alguns melhoramentos no remate da fachada da igreja pedem propostas a cada um destes dois artistas, que são preteridos a favor do projeto apresentado por Carlos António Leone, pintor florentino, à data presente na cidade.⁸

O clima artístico bracarense estava a mudar, seguindo o rumo de Portugal. A estética do barroco romano, que fundamenta o denominado estilo joanino, era, nos anos trinta, o gosto de vanguarda na cidade de Braga. Quando em 1737, em tempo de Sede Vacante (1728-1742), os cônegos do Cabido contratam Miguel Francisco da Silva, arquiteto e entalhador – formado em Lisboa, na estética do joanino, e a trabalhar, a partir de 1727, para os núcleos mais eruditos do Porto – para a obra do coro alto da Sé, ou seja o cadeiral dos Cônegos, já têm assumido o novo gosto. Encerra o programa do cadeiral, as caixas dos órgãos (1737-1739), executadas por ilustre entalhador bracarense Marceliano de Araújo.

Depois de um longo período de vacância, foi nomeado para arcebispo de Braga, D. José de Bragança (1741-1756), filho bastardo de D. Pedro e “meio-irmão” de D. João V.

⁸ Rocha, 2000.

É durante o pontificado de D. José de Bragança que emerge na arte bracarense a figura singular de André Ribeiro Soares da Silva (1729-1769). Nasceu e morreu em Braga. Conviveu e estudou as obras de Manuel Fernandes da Silva e Manuel Pinto de Vilalobos; absorveu as correntes de vanguarda que norteavam as elites bracarenses na década de trinta. As obras que criou estendem-se por duas décadas e passam, preferencialmente pela arquitetura, escultura e talha.⁹

André Soares foi o responsável pela introdução do gosto Rococó na Corte dos Arcebispos.¹⁰ Trabalhando principalmente na cidade de Braga e na área de sua influência, a genialidade e originalidade da sua obra, ultrapassa a dimensão regional e provinciana, e André Soares impôs-se como um dos mais notáveis artistas do Rococó Português, em paralelo com as melhores produções realizadas em Lisboa, na esfera da Corte Política. Se era sobretudo através de Lisboa que entravam em Portugal as gravuras da Europa Central que difundiram entre nós o gosto do Rococó, é certo que, na cidade de Braga, André Soares contactou com essas imagens. Só assim se entende a aproximação artística que se encontra nas obras dessas duas regiões. Por outro lado, não podemos deixar de salientar, a influência que o Rococó de André Soares exerceu no Brasil, especialmente na Região de Minas Gerais.

Não cabendo o elencar de toda a sua obra neste pequeno texto, destacamos, nos anos cinquenta a construção da fachada e vestíbulo da capela de Santa Maria Madalena da Falperra que é sem dúvida, uma obra emblemática do artista.¹¹ A capela de nave centralizada foi planeada em finais do século XVII, mas só no ano de 1737 se encontrava realizada, e seguindo o projeto gizado no século anterior. Quinze anos depois os Mesários pretendem renovar a fachada (1753) e contratam André Soares, que a concebe como um interessante projeto dentro do gosto do Rococó. De seguida, contratam o artista para apresentar o risco para os escadórios fronteiros à capela (1758).¹² Para a sua conceção o génio soaresco, parte da forma poligonal da planta da capela e traça longas linhas diagonais que reforçam o caráter cenográfico da fachada que projetou.

⁹ Rocha, 2000.

¹⁰ Rocha, 1997.

¹¹ Rocha, 1990.

¹² Rocha, 1996a.

Um grande projeto do artista prendeu-se com a organização do Campo de Touros. Para aí projetou a Casa do Senado Municipal (1752-1756) e, do lado oposto, tinha alargado o Palácio dos Arcebispos, seguindo a vontade de D. José (1743-1744), construindo uma fachada monumental voltada para o Campo dos Touros. Esta nova ala foi inaugurada no ano de 1751. Ambas as obras foram mandadas fazer pelo Arcebispo D. José de Bragança. Esta praça, dominada pelos dois edifícios afrontados, projetados por André Soares, tornou-se na Praça portuguesa que melhor enfatiza a articulação entre o Poder Religioso e o Poder Municipal.

Quando olhamos as fachadas dos dois Palácios, deparamo-nos com o perfil artístico e estético de André Soares, que se definiu entre a linguagem Tardo-Barroca e a expressão do Rococó. De resto estas duas linhas estarão presentes em todo o processo criativo de André Soares.

Respondendo ao pedido do Arcebispo D. Luís de Sousa (1677-1690) dirigido aos Oratorianos do Porto para se instalarem na cidade de Braga, sabe-se, que os mesmos já estavam na cidade no ano de 1687. As dependências monásticas dos Oratorianos estavam em construção no início do século XVIII. O Mestre e Arquiteto Manuel Fernandes da Silva trabalhou na igreja conventual a partir de 1703.¹³ Caberia a André Soares conceber a fachada da igreja e das dependências monásticas voltadas para o Campo de Santa Ana. É sem dúvida um dos trabalhos mais monumentais de André Soares, onde alia a destreza borromínica¹⁴ à destreza da composição rocaille.

Das últimas obras que projetou merece referência a Igreja dos Santos Passos em Guimarães (1769), como a interessante igreja de Nossa Senhora da Lapa, em Arcos de Valdevez, que está concluída antes de 1765. Aqui, o artista realiza um edifício de planta centraliza, de forma oval.

O estilo de André Soares, como executor do Rococó, teve maior fortuna no campo da retabulística em madeira. As obras que projetou para a casa-mãe da Congregação do Beneditinos em Portugal – Mosteiro de Tibães – e que felizmente subsistem, inscrevem-se num dos melhores capítulos do Rococó português.

¹³ Rocha, 1996.

¹⁴ Oliveira, 2012.

A mestria de André Soares foi aprendida pelo insigne artista e monge beneditino Frei José de Santo António Ferreira Vilaça (1731-1809). A obra polifacetada deste artista espraia-se entre o Rococó, o Tardo Barroco e o Neoclássico.¹⁵

No ano de 1758 foi nomeado Arcebispo de Braga D. Gaspar de Bragança, filho ilegítimo de D. João V, e meio-irmão do rei D. José I. Esteve à frente da arquidiocese até à sua morte, que teve lugar em Braga no ano de 1789,¹⁶ embora André Soares continuasse a realizar projetos, os tempos eram de viragem. D. Gaspar de Bragança encontrou em Carlos Amarante o seu arquiteto de eleição.

Na arquitetura de Braga salientam-se três obras fundamentais, projetadas por Carlos Amarante: a fachada da igreja e convento do Pópulo (1780), a igreja do santuário do Bom Jesus do Monte (1784) e a fachada do Hospital de S. Marcos (1787).¹⁷ A expressão de Carlos Amarante teria uma longa e auspiciosa carreira no Porto. Em Braga a sua atuação pautou-se entre o Tardo-Barroco e o Neoclássico. Nas obras civis e religiosas que projetou na cidade do Porto encontramos um artista português, conhecedor das formas neoclássicas que marcavam a vanguarda da arte europeia. Projetou edifícios e arquiteturas que ainda hoje são fundamentais para o entendimento do ciclo Neoclássico na cidade do Porto.

Nesta passagem pela arquitetura Barroca, Rococó e Tardo-Barroca, não podemos deixar de falar do Santuário do Bom Jesus de Braga: um ativo estaleiro durante todo o século XVIII, por onde passaram os arquitetos mais emblemáticos de Braga: Manuel Fernandes da Silva, Manuel Pinto de Vilalobos, André Soares e Carlos Amarante. De André Soares são as três capelas do Terreiro dos Evangelistas.

A casa das Elites na cidade de Braga

Para completar este pequeno estudo sobre a arquitetura em Braga nos séculos XVII-XVIII, devo fazer uma referência às casas nobres da cidade, até porque este texto insere-se na requalificação da casa mais notável de Braga,

¹⁵ Dias, 2010.

¹⁶ Rocha, 1993.

¹⁷ Rocha, 2013.

do século XVIII, por sinal, obra de André Soares – o Palácio do Raio. Um belo exemplar do Rococó, na habitação privada.

No arranque do século XVI, Braga era uma cidade fechada por muralhas medievais. D. Diogo de Sousa vai projetar a cidade para fora da muralha, reorganizando os Campos que estavam na sequência das principais portas da muralha. O Campo de Santa Ana viria a constituir-se como um local de expansão, fixando unidades religiosas, acima de tudo, casas para uma população de estrato social mais elevado. O mesmo se passou com o Campo da Vinha.

Dentro da cidade, é sobretudo a partir do início do século XVII que a fâcies urbana começa a mudar, desaparecendo o casario medieval de prestígio – as casas-torre, que eram habitadas pela aristocracia religiosa –, e são substituídas por casas onde a fachada começa a impor-se através da valorização do portal e dos vãos de iluminação. Pontualmente na malha urbana preexistente surgem estas habitações, que marcam a adoção de um vocabulário mais moderno, cuja raiz se encontra no Renascimento. É nas casas de elites que se denota a mudança de gosto, uma vez que a maior parte do casario mantém uma fachada comum, sem elementos que as destaque na generalidade das habitações. Quando em 1602, o Cónego Manuel Alvares, renova as casas que possuía na Rua dos Pelames, a mesma passou a ser um marco, passando a denominar-se “Casas grandes”.¹⁸ Nem as casas-torre tiveram essa designação.

Tal como na arquitetura religiosa, a fachada da casa urbana, passa a ser um barómetro do estrato social do proprietário.

No ano de 1699, Manuel Fernandes da Silva foi contratado para fazer a fachada de uma casa voltada para o Campo de Santa Ana. Casa de dois pisos, o térreo com duas portas de serventia, e o andar nobre formado por um conjunto de janelas de sacada. Os elementos utilizados valorizam plasticamente a fachada: pilastras, frontões sobre os vãos do piso nobre. Atravessando a porta destinada aos peões tem-se acesso a um átrio nobre, decorado com esculturas em granito. Atrás da casa, imponentes jardins em socalcos. O proprietário era Manuel da Costa Pessoa, e usava o título de Licenciado. Muitas outras casas deste tipo se encontram nas ruas principais em intramuros.

¹⁸ Pereira, 2000.

Mais tarde, o mesmo artista renova a casa em que vivia o Cónego Francisco Meira Carrilho; de seguida constrói uma casa nobre no Campo de Santiago, para Francisco Meira Carrilho e para o seu irmão Abade de Fonte Boa, Afonso Meira Carrilho. Estamos na presença de uma grande e nobre casa, que domina toda a praça. Esta é claramente uma fachada barroca. O Palácio dos Biscainhos, habitação que foi do Deão da Sé de Braga, e na qual trabalhou Manuel Fernandes da Silva, no ano de 1712,¹⁹ e posteriormente André Soares.

Não há dúvida que as casas diferenciadas se destinavam aos principais membros da hierarquia religiosa da cidade.

Curiosamente, outro grupo começa a emergir, com poder de compra, fruto das práticas comerciais na cidade, ou trabalho temporário no Brasil. A cidade mantém um conjunto notável de casas, que refletem esta condição socioeconómica do proprietário. O Palácio do Raio é o exemplo mais expressivo da nova clientela, que foi mudando a fâcies da cidade dos Arcebispos.

Referências

- DIAS, Eva Sofia Trindade (2010). *Memórias do antigo Mosteiro do Couto de Cucujães na Época Moderna*, Dissertação de Mestrado em História da Arte, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com orientação científica de Manuel Joaquim Moreira da Rocha.
- KUBLER, George (2005). *A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as Especiarias e os Diamantes (1521-1706)*. Lisboa: Vega.
- OLIVEIRA, Eduardo Alberto Pires de Oliveira (2012). *André Soares e o Rococó do Minho*, Tese de doutoramento em História da Arte, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com orientação científica de Manuel Joaquim Moreira da Rocha.
- PEREIRA, Ana Maria Magalhães de Sousa (2000). *Da Casa Grande da Rua dos Pelames À Casa Nova da Rua de Dom Gualdim*. Braga: Edições APPCDM.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2013). “Arquitectura religiosa barroca em Braga (Minho): entre a tradição e a modernidade”. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, IX-XI. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 331-373.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira (2011). “O Convento de Nossa Senhora da Conceição: Arquitectura e Arte”. In: *Do Convento ao Instituto. Portas Para a Vida*. Braga: Instituto Monsenhor Airosa, pp. 97-119.

- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2009). “Panorama artístico no século XVIII dos conventos franciscanos femininos em Braga”. In: *Os Franciscanos no mundo português. I. Artistas e obras*. Porto: CEPESE, pp. 169-176.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2001). “A adopção do Barroco nas igrejas Conventuais Femininas de Braga no Pontificado de D. Rodrigo de Moura Teles: Diálogos Artísticos”. *Poligrafia*, 9/10, Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, pp. 41-73.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2000). “Arquitectura Barroca de Braga e o Mecenas dos Arcebispos”. In: *Portugal Brasil / Brasil Portugal Duas Faces de Uma Realidade Artística*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 106-123.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1997). “A Propósito de André Soares e do Rococó – Nótulas para a revisão de um processo”. *Portvgalia*, Nova Série, XVII-XVIII. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 283-292.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1996). *Manuel Fernandes da Silva. Mestre e Arquitecto de Braga (1693-1751)*. Porto: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1996a). “As Capelas de Santa Madalena do Monte da Falperra - Nova Abordagem”. *Hvmanistica e Teologia*, XVII (1-2). Porto: Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto / Faculdade de Teologia, pp. 165-187.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1994). “Altars e Invocações na Sé de Braga: a Formação de um espaço contrarreformista”. *Mvseu*, IV série, 2. Porto: Circulo Dr. José Figueiredo, pp. 37-53.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1994a). *Arquitectura Civil e Religiosa de Braga nos séculos XVII e XVIII. Os Homens e as Obras*. Braga: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1993). “Cerimónias fúnebres de D. Gaspar de Bragança: doença, funeral, exéquias”. In: *Actas do Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora*, II vol. Évora: s.e., pp. 109-126.
- ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (1990). “A Capela de Santa Madalena do Monte da Falperra, de Braga, à Luz da Documentação Notarial”. *Revista de Ciências Históricas*, V. Porto: Universidade Portucalense, pp. 231-269.

